

AS MENTES ATRÁS DA CARICATURA

UMA PESQUISA INÉDITA ANALISA A FRUSTRAÇÃO E A DESORIENTAÇÃO DOS BOLSONARISTAS ARREPENDIDOS

por SERGIO LIRIO

Há quase quatro anos, antes, portanto, das eleições presidenciais de 2018, a socióloga Esther Solano decidiu mergulhar em um universo de pesquisa rejeitado por muitos de seus pares. A professora da Universidade Federal de São Paulo começou a investigar as mentes dos apoiadores de Jair Bolsonaro, suas motivações, seu modo de compreender a realidade. Desde então, as entrevistas qualitativas realizadas periodicamente por Solano permitem analisar o fenômeno muito além da caricatura. Os bolsonaristas toscos, violentos, acrílicos e antidemocráticos, o “gado”, são uma parte relevante dessa base, mas não formam a maioria daqueles que depositaram “esperança” no ex-capitão ou votaram nele para extravasar as frustrações. Mais: os fanáticos estão cada vez mais confinados, mesmo entre os apoiadores.

Em meio à mais profunda crise do governo Bolsonaro, Solano, em parceria

com Camila Rocha, voltou a campo – ou melhor, em tempos de pandemia, colheu as impressões a distância – dos eleitores do ex-capitão nas classes C e D, de baixa renda. O levantamento, financiado pela Fundação Friedrich Ebert Brasil, resultou no trabalho, resumido em forma de pergunta, “Bolsonarismo em crise?” Está ou não?, emendo. “Nunca encontrei tantos decepcionados desde quando iniciei as pesquisas”, afirma a socióloga. “A forma como Bolsonaro desdenhou das mortes pelo coronavírus, a irresponsabilidade diante da pandemia, associada à sensação de que o presidente é um dos principais fatores de instabilidade do País e de que protege os filhos nas investigações de corrupção, desgastou profundamente sua imagem nessa base. Há mais eleitores arrependidos e críticos simpáticos ao im-

peachment”. A observação baseia-se em depoimentos como aquele de um “apoiador crítico” de 35 anos: “A renúncia seria bem-vinda se ele não deixar o lado impulsivo dele de lado”. “Infelizmente, o que eu vejo é um pai preocupado com os filhos e se esquecendo do povo. Se for para ele continuar desse jeito, é melhor que saia.”

A desilusão com Bolsonaro deixou no lugar, aponta o estudo, um vazio. Os arrependidos e críticos sentem-se mais frustrados e empobrecidos, além de traídos, mas, à exceção das igrejas evangélicas, não enxergam legitimidade em outras instituições, sejam os partidos políticos, seja a mídia. A falta de uma boia no mar revolto das crises sanitária, econômica e política provoca angústia, inquietação e medo.

A oposição, em particular o campo progressista, analisa Solano, mostra-se



Solano: Moro não é tão herói como imagina



incapaz de estabelecer um diálogo com essa franja da sociedade, muitos deles eleitores do PT no passado recente. Para a maioria, diz, chamar Bolsonaro de fascista não significa absolutamente nada, muito menos fazer uma defesa simplória do isolamento social sem apresentar alternativas. “A maioria sabe dos riscos do coronavírus, repudia a versão da ‘gripezinha’, mas está preocupada com a sobrevivência, em colocar comida na mesa para os filhos”, afirma a socióloga. “A oposição erra ao não apresentar propostas na área econômica, ao não discutir o papel essencial do Estado neste momento.” Mesmo entre bolsonaristas, aponta o levantamento, é alta a adesão a uma intervenção estatal mais efetiva. De forma esmagadora, eles defendem o SUS, a ampliação do auxílio emergencial e o apoio às empresas para que o setor privado possa deixar os trabalhadores em casa. Ao entrar no jogo saúde *versus* economia proposto por Bolsonaro, a oposição tende a levar uma goleada.

O eleitorado bolsonarista das classes C e D também não relaciona de forma direta a defesa do fechamento do Congresso com a ditadura. Ao contrário. Símbolo da degradação do “sistema”, o Parlamento é desprezado por eles e, segundo muitos, uma intervenção seria saudável para a democracia. O contrassenso é resultado do sentimento arraigado de negação da

O bolsonarismo fiel está cada vez mais confinado

**DESDE 2017,
A SOCIÓLOGA
ESTHER SOLANO
ESTUDA OS
ELEITORES DO
EX-CAPITÃO.
“NUNCA VI TANTA
DECEPÇÃO”**

política, alimentado ao longo de décadas pela mídia, agora vítima dos próprios delírios de poder, e pelo populismo judicial representado pela Operação Lava Jato e por Sérgio Moro (**nota:** Moro é menos herói do povo do que imagina. Sua saída do governo mal arranhou a imagem de Bolsonaro entre esses eleitores). A antipolítica é mais forte do que o antipetismo, embora esse último continue a aglutinar, para sorte do ex-capitão.

A rejeição ao PT e, por extensão, aos partidos ditos progressistas não tem só a ver com as denúncias de corrupção. A legenda abandonou os pobres, dizem os entrevistados, aferrou-se ao poder, tornou-se como as demais e parece mais

interessada em defender o direito de “minorias” a lutar pela melhora da vida dos brasileiros e pela redução da desigualdade. A dicotomia entre pautas identitárias e luta de classes, tão discutida nos últimos anos, é o caldo no qual o bolsonarismo pesca os elementos para a “guerra cultural” e sua cruzada contra o “comunismo”.

Na conclusão do estudo, Solano ressalta: se a oposição não encontrar uma maneira de se reconectar com os mais pobres, são enormes as chances de os arrependidos voltarem ao colo do ex-presidente por “falta de opção”. A declaração de “uma apoiadora crítica” de 30 anos explicita a confusão e o vazio captados pela pesquisa. Como ela votaria se as eleições fossem hoje?, perguntaram as acadêmicas: “Eu votaria no primeiro turno na Marina. Eu já votei nela uma vez e acredito nas coisas que ela diz. Mas entre o PT e o Bolsonaro, eu votaria no Bolsonaro novamente. No Doria de jeito nenhum, acho nojento, falso mentiroso e dissimulado. E as propostas dele não fazem sentido nenhum, o que ele fez do rodízio dos carros só atrapalhou. Minha primeira opção seria a Marina, se não tivesse ela ou se fosse contra o PT, eu votaria no Bolsonaro. Mas votaria no Moro contra o Bolsonaro”. Não será fácil a reconstrução. •